



Publicado na 11ª Edição (Novembro e Dezembro de 2009) da Revista Linguasagem

www.lettras.ufscar.br/linguasagem

IMAGÉTICO E DISCURSIVO: UMA ANÁLISE DA CAPA DA REVISTA *NOVA ESCOLA*

Eliana Cristina Pereira SANTOS¹

Introdução

No presente trabalho, procurar-se-á esboçar uma análise da capa da Revista Nova Escola, da Editora Abril, Edição de dezembro de 2005, ano XX, nº188, identificando e apresentando na imagem indícios que caracterizam a capa da Revista Nova Escola como configuradora um discurso. O foco da análise é a imagem do professor representada diante da manchete da revista: 20 dicas para dominar as modernas práticas pedagógicas. Funcionam como principal referencial teórico, a Semiótica de Peirce, suporte para a análise das imagens e a Análise do Discurso (AD). É bem verdade que não podemos considerar o texto o único elemento de produção de sentidos, visto que numa capa encontra-se o texto escrito, o contexto imediato, as imagens e o contexto sócio-cultural. A AD restaura da linguagem sua complexidade e pluralidade. Procura assinalar os caracteres que determinam seu efeito de sentido, procurando perceber seu funcionamento, isto porque a AD trabalha com a configuração material da linguagem. Segundo Orlandi (1996):

todo processo de produção de sentidos se compõe em uma materialidade que lhe é própria. Assim, o significado não se estabelece na indiferença dos materiais que a constituem, ao contrário, é na prática material significativa que os sentidos se atualizam, ganham corpo, significando individualmente (ORLANDI, 1996, p. 461).

¹ Eliana Cristina Pereira Santos, Pedagoga, especialista em Psicopedagogia, mestranda do curso de Letras da Universidade do Oeste do Paraná (UNIOESTE) campus Cascavel. E-mail eliana_cris@hotmail.com

Os efeitos de sentido que encontraremos na AD serão acoplados à Semiótica de Peirce, a fim de se descobrir o que está subjacente, adormecido, velado no signo, na sua qualidade material, a qual se revela à luz da ação interpretante.

Diferentemente de outras revistas do grupo Abril, essa revista apresenta posicionamento voltado a atender o imediatismo do professor em exercício: do educador que se formou há algum tempo e daquele que já saiu dos bancos acadêmicos, que está efetivamente na prática, no exercício do magistério. Aliás, a revista demonstra a intenção de efetivar discussões teóricas de práticas pedagógicas e de resumir teorias desenvolvidas nas universidades, relançando-as na revista com vocabulário mais simples. Então, o trabalho vem tecer considerações sobre os discursos através do cruzamento da teoria da semiótica e análise do discurso.

Conceituando semiótica e discurso

Buscando maneiras de analisar cientificamente a manchete e as imagens da capa da revista Nova Escola, a primeira teoria utilizada para delinear esse trabalho é a semiótica. A semiótica é uma ciência conhecida por explorar os espaços do texto não-verbal. No Brasil, tem sido explorada no âmbito das ciências da comunicação. Santaella & Nörth (1999) afirmam que é pela Semiótica que se consegue adentrar no interior de qualquer imagem e desvendar, interpretar e traduzir possíveis mensagens. Ela é uma ciência que dá significação a todos os tipos de signos, inclusive, sua metodologia pode ser aplicada em qualquer linguagem midiática, desde a oralidade até a comunicação por rede de computadores.

Empregando Santaella (2002), vale salientar que na análise semiótica o que existem são conceitos com lógica passível de aplicação, de aproveitamento e de aplicabilidade. Segundo ela “conceitos devem ser acionados e quão longe se vai ao uso deles é algo a ser decidido de acordo com as exigências daquilo que está sendo analisado.” (SANTAELLA, 2002, p. 43). Sendo assim, cabe explicitar alguns conceitos que serão utilizados. As imagens das capas são signos icônicos e contêm natureza triádica: a significação em si mesma, a representação objetiva e o efeito de interpretação. Logo, a capa da revista é um signo sem deixar de lado suas outras propriedades. Busco novamente em Santaella (1998) a definição mais detalhada de signo. A pesquisadora entende que signo pode ser uma palavra, um livro, um grito, uma árvore, uma blusa, um filme, etc.; enfim, pode ser qualquer coisa, de qualquer espécie. O essencial no signo é que ele representa uma outra coisa que denominamos objeto do signo. Essa representação produz na mente um efeito interpretativo que é chamado de interpretante do signo.

A autora, além de definir signo em seu livro, apresenta três grandes matrizes, de maneira geral, em que os signos podem ser divididos. Entretanto, adverte que raramente os signos serão encontrados em estado puro; geralmente, são encontrados interconectados, misturados, emaranhados com outros signos. De acordo com este estudo, o signo pode ser classificado de três maneiras: em si mesmo, em relação ao objeto e ao interpretante. Se considerado em si mesmo, o signo pode classificar-se em: quali-signo, sin-signo e legi-signo; em relação ao objeto, ele pode ser: ícone, índice e símbolo; já com relação ao interpretante, ele pode ser: remático, dicente e argumento. Essa classificação dos signos, também conhecida como a tricotomia de Peirce, é puramente didática, uma vez que no signo essas características estão indivisivelmente interligadas e todos os signos possuem todas as características, o que as diferencia são aspectos sobressalentes ao restante, de forma que,

os domínios da imagem não existem separados, pois estão inextricavelmente ligados já na sua gênese. Não há imagens como representações visuais que não tenham surgido de imagens na mente daqueles que as produziram, do mesmo modo que não há imagens mentais que não tenham alguma origem no mundo concreto dos objetos visuais (Santaella e Nöth, 1999, p. 15).

Entretanto, neste trabalho nos valeremos da relação que o signo apresenta com o objeto, a capa da revista analisada, uma vez que a publicidade tem feito uso da semiótica para formular anúncios com alto grau de atratividade e persuasão ao público desejado, conforme Santaella e Nöth (1999).

O estudo da capa da revista, como discurso produzido pelo não verbal, abre possibilidades de entendimento dos elementos visuais como operadores do discurso. A imagem considerada como texto permite fazer análise de discurso, uma análise de imagens tomando como suporte a fenomenologia na semiótica peirceana. Entretanto, faz-se necessário ter-se bem esclarecido, nas palavras de Maingueneau (2002), que “um texto publicitário, é fundamentalmente imagem e palavra; nele, até o verbo se faz imagem” (MAINGUENEAU, 2002, p. 12). Portanto, além de analisar as imagens, pretendemos analisar o discurso apresentado na capa.

A AD francesa, filiada aos estudos de Michel Pêcheux e, no Brasil, de Eni Orlandi, considera que o discurso não é, de forma nenhuma, homogêneo, mas sim é marcado pela multiplicidade e alteridade, visto que as palavras são sempre repletas de sentidos. E as palavras vêm sempre de um já-dito na fala do outro e que "nenhuma palavra é 'neutra', mas inevitavelmente

'carregada', 'ocupada', 'habitada', atravessada' pelos discursos nos quais 'viveu sua existência socialmente sustentada" (AUTHIER-REVUS, 1990, p. 27).

Além disso, Orlandi (2005) observa que o funcionamento do discurso acontece entre o real e o imaginário. O real é representado pelo sujeito e evidencia a identidade caótica do discurso, que se traduz na fragmentação, na incompletude, na contradição. O imaginário é representado pelo papel do autor na materialização do texto e confere a ele a sensação de organização do discurso, emprestando a ele características, tais como: a unidade, a coerência, a clareza e a não contradição. A autora ressalta ainda, que é Foucault (2001, 2004) quem melhor percebe as forças internas que detêm a tarefa de domesticar o discurso ou de controlar o caráter de acontecimento do discurso. Nesta mesma perspectiva, Foucault (2004) avalia que os discursos nada têm de espontâneo ou de particular, mas, ao contrário, seus termos são sempre determinados pelas relações de poder que controlam a práxis humana. Assim, o caráter (imaginário) de fechamento, conferido ao discurso, recebe credibilidade graças às forças de poder que determinam seu "início" e seu "fim". Além disso, compreende-se, neste trabalho, que o discurso apresenta uma dupla dispersão: por um lado o cruzamento de vários dizeres; e, por outro, as várias posições que o sujeito pode ocupar, sendo então o discurso constituído como heterogêneo: "quanto à natureza dos diferentes materiais simbólicos; (...) quanto à natureza das linguagens; (...) quanto às posições do sujeito" (ORLANDI, 1999, p. 70). Por esse motivo, o trabalho vem tecer considerações sobre os discursos apresentados na revista *Nova Escola* e suas influências diretas no trabalho do professor em sala de aula. Então, a partir do cruzamento da teoria da semiótica e análise do discurso, procuramos estabelecer os recursos que são os produtores de sentido e detectar quais são os efeitos de sentido que se podem produzir no leitor por meio do texto midiático.

Imagem e discurso da capa em análise

A capa da revista constitui-se como um sistema de signos e estes signos criam um modelo cultural de professor, mesmo que falsamente. É bem verdade que as imagens representadas na revista e a própria revista são resultados de manifestações culturais. Sobre a função de representação do signo, sabe-se que este "intenta representar, em grande parte pelo menos, um objeto que é, portanto num certo sentido, a causa ou determinante do signo, mesmo que o signo represente seu objeto falsamente" (SANTAELLA, 2004, p. 62). Neste sentido, a capa como signo: representa um material historicamente elaborado, produzido por pessoas de uma cultura específica. O professor representado na capa é um modelo de representação de professor pertencente à cultura brasileira.

A maneira de estar vestido ou posicionado junto aos alunos revela manifestações culturais enraizadas na história. Em se tratando de uma cultura das tribos africanas, o professor estaria representado de outra maneira, com outras vestes e até posicionado de maneira diferente. Entretanto, os vestígios culturais denotam que na capa temos a representação de uma professora: a roupa, o óculos, a disposição dos móveis. Através dessas representações e dos signos o mundo está moldado e estruturado em discursos, conduzindo o indivíduo a uma obrigatória visão de mundo. Posto como tal, culturalmente, vão se desenvolvendo outras gerações sem grandes mudanças. Vejamos o objeto de análise:



Revista Nova Escola,

dez/2005, ANO XX, Nº 188

A Capa representa uma senhora professora de aspecto maduro e experiente, que aparenta estar já certo tempo na profissão do magistério, necessitando se atualizar por meios de leituras significativas. De fato, todo professor deve estar constantemente se atualizando, adquirindo novos saberes, isso por toda vida. No entanto, se a revista se refere às novas práticas, a imagem de professor utilizada leva a pensar que o professor experiente necessita de novas maneiras e que suas práticas são ultrapassadas, obsoletas; ou que somente o professor experiente é capaz de alguma maneira receber melhor o “novo” e novas práticas. O dizer “modernas práticas” supõe que existam velhas práticas. Qualquer professor comprometido, diante da matéria, ficaria interessado em descobrir o novo. Afinal, a palavra “nova” soa e traz sensações de coisa boa, cheirosa, limpa, não usada, perfeita. Culturalmente, o novo está relacionado às sensações boas, especiais, de gozo, sem mencionar o moderno que, em nossos dias, significa adiantado, fim do século, atual. Metaforicamente, seria como trocar um objeto velho por um novinho. A palavra “modernas” pode ser aproximada da idéia de nova, inovadora e também ao seu antônimo: antigo, velho, arcaico. Essa é uma alternativa para fugir do estereótipo cultural veiculado pelo velho, que apresenta implicitamente a polarização existente entre o velho/antigo e novo/moderno, sem usar todas as palavras. Essa relação expressa a necessidade de modernas práticas e indica que as práticas dos professores já estão velhas, ultrapassadas e inaceitáveis. Os professores não gostariam de ficar com

o velho diante do novo, mesmo sendo atividades para aperfeiçoamento e aprimoramento de sua prática.

A capa revela-se como um traço da história, na medida em que capta a imagem representada de uma professora dentro de um período específico. Resume diversos aspectos de forma maravilhosa na imagem do seu tempo, deixando como material histórico para as futuras gerações o modo de vestir, posicionar e ver de uma época específica que sofrerá ação do tempo. Registra-se na imagem a visão de professor e de aluno, dentro de um contexto histórico. Registra e indica uma sociedade, trazendo aspectos relevantes do cotidiano. Nessa capa, a imagem está próxima ao máximo de uma representação realista. O professor, as crianças, as carteiras posicionadas, o quadro ao fundo, até mesmo as fichinhas de papel. Temos a sensação que estamos diante da representação de sala de aula manualmente preparada para a fotografia. Então, dessa maneira, a capa acaba se afastando de uma representação real e se assemelhando a uma ilustração de revista. Cada item da composição isoladamente não apresentaria o sentido que tem se não estivessem todos aglutinados no mesmo espaço, formando uma composição perfeita e combinada. Essa composição sugere inúmeras possibilidades sensoriais. Os sujeitos da cena partilham valores culturais vê-se como a sociedade brasileira, é ser um aluno e como é ser um professor. Traz à tona a imagem da instituição escolar, revelando como o professor é visto pela sociedade. Na capa, vê-se a criança encorajada a aprender e a prestar atenção ao comando da figura do professor, simplesmente surda é alentada a adotar comportamentos socialmente esperados. As cores utilizadas na capa são ícones fundamentais em qualquer imagem. No texto midiático, o uso de cores, imagens, expressões, produz efeito ideológico no signo, pois se refere à representação do mundo. De acordo com Magalhães (2003),

Todo signo que está na capa da revista foi intencionalmente colocado a fim de transparecer uma idéia ou de conduzir a uma determinada leitura do fato tratado. As imagens, principais objetos de estudo desse artigo, devem ser encaradas como objetos de linguagem. Ao encará-las como um discurso da atualidade, reconhecemo-las como um produto cultural, o qual não é neutro, mas dotado de sentidos (MAGALHÃES, 2003, p. 79).

A blusa vermelha da professora, diante dos alunos, levemente debruçada sobre a carteira, simula uma relação ensino aprendizagem. O vermelho sobressai ao acinzentado das camisetas das crianças e de todo o resto da sala. As qualidades trazidas pelos elementos visuais agregam valores culturais, socialmente adquiridos. Além disso, o branco acinzentado monótono, padronizado do uniforme das crianças, fez perder em relação à vivacidade e nobreza do vermelho. Por outro lado, o

vermelho por sua historicidade, reafirma a autoridade da professora. O acinzentado uniforme de cor sombria, além de padronizar, tenta impor seriedade, homogeneiza o comportamento, faz um contraste com o alegre e colorido jeito de crianças em idade escolar, cheias de energia para aprender, brincar, etc. O bege das carteiras faz sobressair às fichas quadradas e amarelas com figuras geométricas azuis (tangram) manuseadas pela professora e por uma aluna, simulando o desenvolvimento de uma prática pedagógica. Ao mesmo tempo em que as linhas paralelas contornam as carteiras, causam um efeito de profundidade sua sala, trazendo para o primeiro plano a professora e os alunos.

Outro ponto observável remete a imagem da professora - uma mulher retratando o que é ser professora - e revela um discurso do que ela deve ou não fazer; usar ou não usar. Destaca-se que, muitas vezes, esta representação parte do modo como historicamente vem sendo construído na cultura, o que influi diretamente na representação que a sociedade tem do professor. Por sua vez, isso interfere no comportamento dos professores, dos alunos e da escola e o processo pedagógico.

O enfoque está direcionado à imagem de professor, acreditando que é por meio do discurso pedagógico que o processo de mudança é instaurado na escola. Leva o educador a pensar em qual é o seu tipo de professor, que imagem está representando na sociedade. Entretanto, esta representação é totalmente controladora e tendenciosa, isto é totalmente ideológica. Parece impor modelos, formar conceitos e idéias a respeito do que seja professora ou mesmo criar um modelo ideal, ou que tenha a eficácia total, imediata e unilateral no fazer pedagógico. Parece haver uma tendência a representar a imagem de uma professora boazinha, bonita, magra, paciente, moderna e tradicional ao mesmo tempo. Constrói-se uma imagem de professora, convencionalmente conhecida por seus óculos. O gênero escolhido define a posição do sujeito professor - a de educar como atividade feminina. Excluiu-se, portanto, o homem dessa função. O representante para a profissão de professor vem desde muito longe abarcado pelas mulheres. No fundo da sala, preenchendo todo o espaço vazio, depara-se com o verde da tradicional lousa indispensável. Ela preenche toda a parede do fundo e também grande parte da capa da revista. Seu tamanho, porém, parece inexistente diante da atividade inovadora, reafirmando que a cópia do quadro negro já é ultrapassada, já não é mais pré-requisito para o aprendizado.

O enunciado verbal, enorme, viçoso, se posiciona como se fitasse o leitor, contrapondo a sensação de repouso do verde, com pouca força sugestiva da tradicional lousa: *20 dicas para dominar as modernas práticas pedagógicas*. Quando se lê esse enunciado, podemos analisá-lo da seguinte forma: a revista sugere que o professor necessita de dicas; talvez ele não seja capaz ou não tenha possibilidades, ou ainda disponibilidade temporal em ler as novas teorias. Assim, auxiliando o ocupadíssimo professor, a revista *Nova Escola* está posta para dar-lhe receitas, palavras-chave,

dicas, sugestões de como o professor deve realizar seu trabalho, indicando maneiras eficientes de não esquecer as novas regras e colocá-las em prática. Sob esse título, o fragmento textual explicita a idéia de dois tipos de escola, dois tipos de práticas pedagógicas – a tradicional (velha) e a nova (moderna). Nesta capa, os ícones apresentam a relação professor/ aluno de maneira moderna. As relações estão apresentadas na horizontal e o posicionamento do personagem aproxima o professor do nível do aluno. O trecho “modernas práticas” desenha uma escola considerada desejável, euforicamente bela, perfeita para que os moldes obsoletos desapareçam com as velhas práticas. Todavia opostamente e implícito a essa afirmação têm-se o modelo de professora representada, baseada nos velhos modelos de professor: meia idade, cabelos curtos pintados num tom avermelhado, óculos, acessórios discretos, blusa com manga três quartos. As carteiras da sala de aula estão limpíssimas, sem nenhum rabisco. Os alunos têm cabelos lisos penteados, todos uniformizados, sorridentes com aparência de comportados, disciplinados, enquadrados em um modelo escolar já estabelecido culturalmente.

A educação brasileira tem apresentado significativas mudanças nas últimas décadas. Kramer (1997) resume quais práticas pedagógicas necessitam ser construídas com a participação efetiva dos interessados pela educação. Na prática, está revelada uma proposta pedagógica e quais valores necessários. Portanto, não se podem trazer dicas ou receitas. Para a educação, uma nova proposta é o convite para um novo currículo e, portanto, um desafio, um apelo ao educador. Tudo porque um novo currículo implica em definições como cidadania, projeto político de sociedade, cultura e educação. Pelas palavras de Kramer (1997),

não pode trazer respostas prontas apenas para serem implementadas, se tem em mira contribuir para a construção de uma sociedade democrática,[...]. Uma proposta pedagógica expressa sempre os valores que a constituem, e precisa estar intimamente ligada à realidade a que se dirige, explicitando seus objetivos de pensar criticamente esta realidade, enfrentando seus mais agudos problemas (KRAMER 1997, p. 15).

Diante de novas teorias pedagógicas, é inviável trazer respostas prontas, principalmente quando se objetiva contribuir com uma educação igualitária, democrática, em prol do coletivo. Ante tais mudanças, considerar o aprendizado de novas teorias é um requisito fundamental para o professor. Entretanto não há fórmulas na educação. O que existem são caminhos interessantes e experiências que podem auxiliar os educadores na escolha de boas ferramentas.

Quanto à linguagem verbal, na capa, a manchete possui cor rosa e branca. O numeral está em rosa combinando com a tarja superior no nome da revista e os demais signos estão na cor branca. As palavras estão espaçadas desta forma: *dicas para/ dominar/ as modernas/ práticas/ pedagógicas*. Esse impacto que o numeral na cor rosa traz implícito em si, de eficácia indiscutível, não pode, entretanto, ser analisado arbitrariamente, pela sensação estética. Ele está intimamente ligado ao uso da cor. Neste sentido, Guimarães (2000) considera a cor como informação, pois a aplicação da cor desempenha uma função semiótica, responsável por organizar e hierarquizar conteúdos, sendo que,

A apreensão, a transmissão e o armazenamento da informação “cor” (como texto cultural) são regidos por códigos culturais que interferem e sofrem interferência dos outros dois tipos de códigos da comunicação humana, os de linguagem e os biofísicos, (GUIMARÃES, 2000, p. 4).

As cores são discursos nos textos midiáticos, já que elas ganham e representam valores culturais. As cores tomam forma e significado em uma determinada cultura, dependendo da intencionalidade de quem utiliza. O ato da utilização do numeral cardinal (20-vinte) tem a função de designar a quantidade absoluta. A escolha do numeral é totalmente estética.

O enunciado verbal com a palavra “dicas” remete a sensação de apresentar aos professores apenas resultados, para serem armazenados, gravados, dominados. Em outras palavras, entregar as teorias lidas, interpretadas, “mastigadas” para que o professor decore. Independentemente de seu aprendizado. A palavra dica é uma gíria que significa boa indicação e informação. Dar uma dica é dar a alguém uma indicação que sirva para realizar o que se pretende. Neste contexto, a dica serve para o professor dominar práticas pedagógicas. O significado literal do verbo empregado “dominar”, segundo o dicionário Aurélio, é, ter domínio, ter autoridade ou poder sobre. O dominar nesta manchete, como todo verbo, sugere uma ação. Apresentado no modo infinitivo, de certa forma, exprime a obrigatoriedade ou firme propósito de realizar o fato. Seria necessário o professor dominar para realizar novas práticas? Neste enunciado, o locutor se apropriou da língua para colocá-la em uso no discurso; dá a suas palavras um estatuto de fala competente e legitimidade pela revista de que é porta voz. Foucault (2000) lembra que nem tudo pode ser dito e que a enunciação está formada por uma rede de significações, proibições, desejos, interesses.

A escola é o espaço legitimado para reflexão sobre as práticas pedagógicas, permitindo enxergar perspectivas dos professores como profissionais produtores de saber e saber-fazer, conforme NÓVOA (1992). Em função da imagem dominante do professor, agregando a si o

domínio - e o dever de ensinar por meio das práticas pedagógicas - não se pode conceber a ideologia fora do sujeito, uma vez que está imbricada no discurso pedagógico. Outro aspecto importante a ser observado é que a educação envolve reformas sociais e, no enunciado, o silenciamento não permite que o discurso alcance o professor como sujeito histórico, social e politicamente ativo deixa a questão com efeitos gerais, superficiais, abstratos ou então, ao alcance do professor/indivíduo.

Considerações finais

Neste artigo, buscou-se analisar a imagem do professor associado às práticas pedagógicas, por acreditar ser o discurso predominante. Constatou-se que, na capa, outros elementos, outras possibilidades de interpretação, outras análises poderiam se dedicar à compreensão das marcas discursivas e à articulação de estratégias de enunciação sobre o professor. Porém, mesmo sabendo que numa análise semiótica o sentido é sempre incompleto, esta foi a estratégia escolhida. Na análise semiótica pretendida, foi possível confirmar as variadas interpretações de uma imagem veiculada pela mídia. Muitos elementos estão associados a uma imagem. Elas não simplesmente representam um objeto. Os ícones, índices e símbolos podem levar o leitor a pensar, interpretar, enxergar o que subjaz à imagem. Nos estudos da semiótica, entende-se que, apesar dos significados embutidos nos signos, o indivíduo pode descobrir significação nele ou fora dele, principalmente, nos meios de comunicação.

Na imagem analisada, não se trata de uma professora idosa que traz posturas inovadoras. São modelos pedagógicos estereotipados. Ela, a revista, cria modelos estereotipados do que se entende por uma competente professora possível de levar à identificação aos seus leitores, provavelmente, alunos e professores. De modo explícito, esse corpus analisado, enquanto construção de signos discursivos tentou representar uma realidade e trouxe ensinamentos acerca de valores e comportamentos. O foco era a relação da aquisição e aplicabilidade de modernas práticas pedagógica, sugerindo modos de como as professoras devem proceder em sala de aula, talvez por isso proponha “*20 dicas para prática pedagógica*”.

Conforme assevera Chauí (1997), “por serem do senso comum, os saberes cotidianos cristalizam-se em preconceitos com os quais passamos a interpretar toda a realidade que nos cerca e todos os acontecimentos” (CHAUÍ, 1997, p. 248). Visto por este ângulo analítico, alunos, alunas e professoras são imagens/representações criadas e interpretadas pelos autores que, em última instância, buscam o sucesso editorial. Por outro, no pólo da recepção, leitores e leitoras que, muitas vezes aplicam no seu cotidiano e na sua prática docente muitas das lições que os livros de literatura infantil constroem, acreditam o que eles trazem o real.

Embora outros elementos compusessem a capa, apresentamos a ela como geradora de sentidos, sua influência diretamente na vida do professor, em relação à apresentação de dicas. O processo de composição dos discursos acontece mediante construções imagéticas bem elaboradas, produzidas com objetivo estético de convencimento do leitor. Verificamos a representação de um modelo escolar ideal: poucos alunos, todos uniformizados, interessados e felizes. Uma professora dedicada e bem vestida. Diante disso, esse artigo objetivou apresentar uma análise da capa, procurando em sua disposição indícios que levem o leitor a desvendar o que está dito de maneira diferente do representado pelas imagens em evidência. O professor é, geralmente, colocado numa situação de passividade em relação à sua realidade social. A interpretação a que o educador está submetido é sua imagem veiculada na capa, às novas práticas “sugeridas” que deverão ser “dominadas” e à sociedade, que estabelece, de maneira determinante, os meios culturais para o seu enquadramento, o que mais tarde deverá ser retransmitido. Do ponto de vista teórico assumido com a AD, não se pode considerar o texto o único elemento do processo de produção de sentidos. Este processo depende, além do texto, do contexto imediato de leitura e do contexto sócio - cultural mais amplo. Na situação analisada, as imagens e o enunciado funcionam num ambiente que representa a imagem do professor inserido em sua prática e se valorizam esteticamente as imagens, propiciando espaço para múltiplas interpretações semióticas e discursivas. A capa foi utilizada não para reproduzir seu dizer (da prática pedagógica, do professor), mas para propiciar que outros dizeres o significassem para além do que estava ali dito.

5. Referências bibliográficas:

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidades enunciativas. Cadernos de Estudos Lingüísticos. Campinas, São Paulo: UNICAMP/IEL, n. 19, 1990.

CHAUÍ, Marilena. Convite à filosofia. 6. ed. São Paulo: Ática, 1997.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. A arqueologia do saber. Rio de Janeiro: Ed. Forense, 2000.

_____. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 2004.

_____. A ordem do discurso. São Paulo: Ed. Loyola, 2004.

GUIMARÃES, Luciano. A cor como informação: a construção biofísica e cultural da simbologia das cores. São Paulo: Annablume, 2000.

KRAMER, Sonia. Propostas pedagógicas ou curriculares: subsídios para uma leitura crítica. Educação & Sociedade. Campinas, São Paulo: ano XVIII, nº. 60. p. 15-35. dez/97.

MAGALHÃES, Francisco Laerte Juvêncio. *Veja, Isto é, leia: produção e disputas de sentido na mídia*. Teresina, Piauí: Edufpi, 2003.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas Tendências em Análise do Discurso*. Campinas, São Paulo: Pontes & Editora da Unicamp, 1989.

NÓVOA, Antonio. *Formação de professores e profissão docente* In: NÓVOA, A. (coord.). *Os professores e sua formação*. 2 ed. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso: Princípios e procedimentos*. São Paulo: Pontes. 2005.

_____. *Efeitos do Verbal sobre o Não-Verbal*. In: Magalhães, Maria Izabel dos Santos (Org.). *As Múltiplas Faces da Linguagem*. Brasília, UnB, 1996.

_____. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas Pontes, 1993

_____. *As Formas do Silêncio*, Editora da Unicamp, Campinas, São Paulo: 1992.

SANTAELLA, Lucia, *O que é Semiótica?* São Paulo: Brasiliense, 1999.

_____. *Semiótica Aplicada*. São Paulo. Pioneiros Thomson Learning, 2002.

SANTAELLA, Lúcia & NÖTH, Winfried. *Imagem, cognição, semiótica, mídia*, São Paulo: Iluminuras. 1998.

Resumo:

A revista *Nova Escola* - publicação jornalística mensal é voltada à comunidade de professores da educação básica do país - Brasil, contempla variados assuntos relacionados à Educação. A partir do ponto de vista que os discursos são reveladores de partilhas culturais manifestadas nos enunciados que circulam a sociedade. Tem-se como objetivo, neste artigo, realizar leitura e análise da imagem de professor apresentada na revista *Nova Escola*, enquanto signo, vista a luz da teoria peirceana. A importância das capas de revista para sua divulgação e consumo é um fato, por isso, também se busca o efeito interpretativo das práticas pedagógicas dentro da cultura brasileira; analisando a representação de professor, historicamente postos através da imagem ilustrativa, das cores e da chamada principal (enunciado) de uma capa específica traduzida em discursos.

Palavras-Chave: discurso, professor, semiótica.

ABSTRACT

The magazine *Nova Escola* - monthly publication is come back to the community of professors of the basic education of the country – Brazil, contemplates varied subjects related to the Education. From the point of view that the speeches are revealing of revealed cultural allotment in the statements that circulate the society. It is had as objective, in this article, to carry through reading and analysis of the image of professor presented in magazine *Nova Escola*, while sign, and sight the light of the peirceana theory. The importance of the layers of magazine for its spreading and consumption is a fact, therefore, also the interpretativo effect of practical the pedagogical ones inside of the Brazilian culture searches; analyzing the representation of professor, historically ranks through the illustrative image, of the colors and the main call(statement) of a layer specify translated in speeches.

KEYWORDS: speech, professor, semiotics.